

# **A RECEPÇÃO DE HEINRICH HEINE EM TOBIAS BARRETO**

Marisol Santos Moreira (Bacharel Português-Alemão/UFRJ)

## **SUMÁRIO**

I - INTRODUÇÃO

II - TOBIAS BARRETO E A ALEMANHA

III - TOBIAS E HEINE: INTERSEÇÕES DE UMA CONCEPÇÃO  
RELIGIOSA

IV - VISÕES POLITIZADAS

V - CONCLUSÃO

VI - BIBLIOGRAFIA

VII - NOTAS

## I-INTRODUÇÃO

O presente trabalho se propõe a analisar a recepção da poética do autor alemão Heinrich Heine (1797-1856) na obra do intelectual brasileiro Tobias Barreto (1839 –1889). O referido autor, nascido em Sergipe e que no ano de 1870 ingressou na célebre faculdade de Direito no Recife ( ao lado de São Paulo, um dos centros de efervescência intelectual no Brasil do Segundo Reinado), foi o expoente de um movimento cultural que teve por objetivo deslocar o centro irradiador de cultura para o Brasil da França para a Alemanha, movimento esse que se convencionou chamar “Escola do Recife”.<sup>1</sup>A partir de 1871, Tobias se dedica ao estudo da língua alemã na pequena localidade de Escada. Embora o local não tenha sido favorável em termos culturais para tal empreendimento, Tobias logra dominar a língua que abriria as portas a uma nova proposta de inspiração das letras brasileiras - agora sob a égide germânica. Os escritos legados por Tobias Barreto, os quais foram organizados em primeira mão pelo seu leal amigo Sílvio Romero, nos revelam numerosas referências e citações de Heine, demonstrando não somente uma vasta leitura dos escritos desse autor alemão como também uma lúcida compreensão da conjuntura histórica alemã e da relação Heine/Alemanha. Auferir a maturidade da leitura de Heine por Tobias Barreto se torna um trabalho mais preciso, quando consideramos que os textos analisados do autor sergipano são elaborados em forma de artigos; ou eminentemente polêmicos destinados a publicações em jornais ou dirigidos para determinado estudo de pretendido caráter científico. É como crítico e polemista que se destaca a sua obra, fornecendo um material rico para o intento da pesquisa. As obras de Tobias Barreto utilizadas como fonte de pesquisa constam da edição requerida pelo decreto nº 803 do Governo de Sergipe, seguindo a organização já anteriormente efetuada por Sílvio Romero ( há uma outra edição organizada pelo INL). Convém ressaltar que muitos de seus escritos já tinham sido publicados pelo autor <sup>2</sup> inclusive pela própria natureza da atividade jornalística, a qual Tobias se dedicava com fervor e que o fez fundar e supervisionar alguns jornais: em 1870, redigiu em Recife o jornal O Americano; em 1871, em Escada, chega a instalar uma pequena tipografia, publicando alguns jornais de vida efêmera como o jornal Deutscher Kämpfer (1876) e Contra a Hipocrisia (1879). Por meio da leitura dos compêndios consultados que se ocupam da análise da obra de Tobias Barreto, sabe-se da importância do pensamento filosófico do mesmo, de sua relação com os modelos mecanicistas tão em voga na época, dos quais primeiro se mostrou adepto para depois engendrar uma crítica de cunho eminentemente humanista. No entanto, não será analisada tal faceta de seu pensamento, pois o trabalho visa a abordagem de Tobias Barreto segundo o ângulo de interseção com o pensamento do poeta alemão Heine, na tentativa de trilhar os caminhos que conduzem a recepção desse autor por Tobias Barreto.

## II-TOBIAS BARRETO E A ALEMANHA

Tobias Barreto não fora inicialmente diferente dos intelectuais de sua época: as teorias e autores franceses em voga no século XIX brasileiro também constituíram a base de seu crescimento intelectual. Segundo Sílvio Romero, por volta dos trinta anos, Tobias se mostra insatisfeito com tal francesismo e na década de 70 se inicia o amor pela língua e cultura germânicas, que lhe valeria o epíteto de exótico no país cuja capital intelectual era Paris. Aqui não se afirma que Tobias tenha sido o precursor desse caminho<sup>3</sup>, porém seu espírito polêmico, inquieto, seu empenho em desmascarar os pretensos “intelectualóides” daquela sociedade, além do entusiasmo confesso e arrebatador pelas letras germânicas, chamavam a atenção de seus contemporâneos.

É no artigo sobre o compositor Meyerbeer, dirigido ao Sr. Visconde de Taunay, que podemos constatar o quão incômodo se mostram os conhecimentos daquele sergipano que aprendeu alemão no interior por meio de livros encomendados. É em escritos como esses que verificamos que Tobias não se acovarda diante dos grandes nomes. Os trechos transcritos de 1880 comentam a expressão “Einzige u. sein Eigentum”, utilizada por Tobias em um dos escritos dirigidos a Taunay. Sobre tal expressão Taunay declara que a doutrina de Tobias vem acompanhada num apotegma e que a letra u metida entre as palavras Einzige und Eigentum fê-lo lamentar não ter o instinto decifrador de um Champollion ou de um Lepsius. (p. 116, Polêmicas). Tobias, como é característico de sua escritura, não perde a oportunidade para se utilizar da ironia e desmascarar a pretensa erudição de Taunay (no que concerne ao idioma alemão):

„Venha cá, meu bom, meu saboroso Taunay, é certo que estive na Alemanha? É certo que sabe alemão?(...) Nunca encontrou em livros e jornais alemães as letras usw. querendo dizer und so weiter, e mais as letras u.a., significando und Andere?“

Lembremos do prestígio de que gozava Visconde de Taunay nas letras nacionais... O interesse de Tobias pela Alemanha não foi acontecimento sui generis, pois a partir de 1870 com a derrota da França para as tropas de Bismarck, a Alemanha desponta como novo centro industrial e intelectual da Europa. Na carta dirigida ao diretor do *Deutsche Zeitung*, Tobias demonstrava estar consciente do marco que representava tal década:

„Desde 1871, ano em que começou uma nova época, o germanismo, no melhor sentido da palavra, prende a atenção do mundo inteiro.(...) É uma necessidade histórica, uma exigência do tempo“ (p.333, Estudos Alemães).

Tobias foi quem verdadeiramente se dedicou ao conhecimento da língua e cultura desse povo, dedicação que o fez proclamar:

„Quanto mais escarnecem das minhas citações em alemão, mais alemão eu cito.“(p.138, Polêmicas).

Em 1956 foi reconhecido com uma homenagem póstuma do instituto de pesquisa ibero-americano da Universidade de Hamburgo, consistindo numa placa comemorativa, na qual se lia: “dem grossen Rechtsphilosophen und tatkräftigen Förderer Deutsch-Brasilianischen Geistesbeziehungen zum ehrenden Gedenken”. Embora nunca tenha ido à Alemanha, encontra-se freqüentemente nos compêndios que tratam do intelectual sergipano, a menção ao recebimento do elogio feito a ele por Ernst Haeckel, um dos seus

mentores intelectuais. O livro de Paulo Dantas (vide biblio.) comenta que a Gazeta de Colônia publicou traços biográficos do autor tratado.

O período em que estuda Direito na Faculdade do Recife coincide com a migração para o Brasil das teorias científicas, então em voga na Europa por volta de 1870. Tais teorias se manifestam em Tobias na leitura de nomes como Haeckel e Darwin, embora tenhamos que ressaltar uma visão bastante pessoal dessas teorias desenvolvidas mais tarde por Tobias. Um exemplo da quase obsessão pelo método científico na época se evidencia no trecho a seguir do autor brasileiro, quando a psicologia não é alçada ao ramo de ciência, gerando um equívoco que hoje em dia se mostra dissipado:

„Eu já o disse: - o defeito capital da psicologia como ciência de observação, é a falta absoluta de dados para se formarem exatas e profundas previsões”.

(p. 32. Filosofia e Crítica)

A corrente francófila no Brasil é vista por Tobias Barreto (não sem um pouco de exagero de sua parte) como um cancro, responsável pelo atraso intelectual do país: „Qui dit Paris, dit toute la France. Os filhos de madame Lutetia não produzem coisa alguma que seriamente mereça ser lido e meditado. Em geral o proveito que se aúfere da leitura de qualquer de seus trabalhos científicos é pouco mais ou menos que pode resultar de um romance de Zola. (Apud: A irreligião do futuro. In: Questões vigentes).“

Aludindo ao domínio cultural da França sobre o Brasil, Tobias Barreto se utiliza de uma sentença - um quase adágio - de Heine. Tal trecho está contido numa carta escrita em 1874 dirigida ao redator do Deutsche Zeitung:

„Antes dos últimos acontecimentos que abriram caminhos à história do mundo, quero dizer, antes da guerra alemã-francesa (...) ninguém punha em dúvida a verdade da velha frase, que a nação francesa tinha por missão dirigir os outros povos (...) O galo francês cantava e até na Alemanha tornava-se dia.“(p.332, Estudos Alemães, vide biblio.)

### III-TOBIAS E HEINE: INTERSEÇÕES DE UMA CONCEPÇÃO RELIGIOSA

Os escritos legados por Tobias Barreto revelam um interesse especial pela teologia (principalmente pelo estudo da teologia judaica, apoiando-se nas obras de Heinrich Georg August Ewald –Geschichte des Volkes Israel e de Heinrich Graetz, Geschichte der Juden) e pela crítica da religião voltada mormente para o catolicismo. Trata-se aqui de uma ironia do destino, pois em 1861, Tobias parte para a Bahia com intenções de entrar para o seminário pensando ter vocação para padre. Porém, na primeira noite enclausurado desistiu da idéia.

Nos textos de Tobias, dentre as várias menções feitas a Heine, se apropriando ou não das palavras do autor alemão, verifica-se a forte presença de um eixo temático: a religião. Evidencia-se que o autor brasileiro não se limitava à leitura da obra lírica de Heine (relativamente popular no Brasil desse século), mas também revela um conhecimento da prosa e uma apreensão justa do pensamento do autor, pois evocar Heine, conhecê-lo bem, é evocar todo um complexo de idéias que tem como um dos principais fios condutores a questão da religião e Tobias não era indiferente a essa

verdade da conjuntura poética do autor. Comentar Heine, ignorando sua concepção religiosa, é desconhecer ou fazer por esquecer uma boa parcela de seu pensamento, comprometendo inclusive a compreensão de sua própria produção lírica: Tobias Barreto não incorreu em tal erro. Embora Tobias não tenha dedicado nenhum de seus escritos à análise da obra de Heine de per si, suas referências a Heine são marcadas por um tom de familiaridade com a obra do escritor, tom proposital que causa no leitor a sensação da evocação de um interlocutor para o artigo de Tobias, de uma voz magna com uma intervenção decisiva para o assunto tratado. Verifica-se, no tocante à temática da religião, uma recepção concentrada na fase mais radical de Heine, quando seus textos dos anos 30 e 40 apontavam a religião, principalmente o cristianismo e o judaísmo, como um entrave ao desenvolvimento de uma consciência crítica no homem, mormente no povo, na parcela não pertencente às elites. Tal recepção por parte de Tobias dita uma diferença no pensamento dos dois autores com relação à religião segundo a leitura do escritor brasileiro, concepção essa revelada pelo comentário em tom jocoso sobre Heine inserido no seguinte trecho, contido no texto „Um discurso em mangas de camisa“ de 1877(vide biblio.):

„Convençamo-nos enfim: - a religião é o que é- uma inspiração do desconhecido, um alto pressentimento, uma necessidade, um arroubo da alma, e talvez também uma tolice, como diria H. Heine, mas isto ou aquilo, onde ela se manifesta sincera, a religião é inexplicável, irreduzível a uma fórmula intelectual“ (p.61)<sup>4</sup>

O trecho supracitado está no apêndice do texto „Um discurso em mangas de camisa“ intitulado: Discussão sobre a Religião. Tal livro realmente fora um discurso proferido por Tobias quando da inauguração do “Clube de Escada”, o qual, tendo sido fundado pelo próprio, embora tenha tido vida curta, visava à discussão de temas da atualidade junto aos cidadãos daquela comunidade. Nesse apêndice, cujo assunto o próprio título indica, apesar da crítica ao sistema religioso, Tobias faz questão de delinear que considera a religião como uma concepção imanente ao ser humano, embora detecte uma série de aspectos negativos, pois „a religião é inexplicável“, e as tentativas da época favorecidas pelo cientificismo em tentar aboli-la se mostram vãs. Esse pensamento se revela bastante claro num trecho anterior ao comentado, pertencente ao mesmo apêndice: „Não há, portanto, razão suficiente, máxime entre nós, para ter-se a religião como dispensada do seu mister de iludir e de consolar. Ainda por muito tempo, e quem pode assegurar que não sempre o organismo social terá funções religiosas, e carecerá para elas de órgãos especiais“ (p.61)

No ensaio „A vida religiosa no Brasil“, de 1880, Tobias ratifica o conteúdo do trecho supracitado:

„É um erro grosseiro, ainda que muito seguido em nossos dias, supor que a humanidade se acha em caminho para um estado de coisas, onde a religião só brilhe pela ausência.“ (p. 262, vide biblio.).

Faz-se mister ressaltar, que embora a relação de Tobias com a religião tenha sido um ponto conflituoso, observa-se nos seus escritos sobre a religião uma preocupação em separar a crítica contra as instituições religiosas e a crítica ao sentimento religioso, que se reflete num esforço freqüente em não ser considerado um ateu:

„Apadrinho-me logo com estas linhas, que tudo pode conter, menos um manifesto de intuição ateística, para que, no correr do presente artigo, não se receba em mau sentido a expressão de certas verdades(...)“ ( A vida religiosa no Brasil, p. 260).

É bem verdade que Tobias pôde encontrar nos textos de Heine declarações deste autor que o fizessem estabelecer essa tênue linha divisória entre os dois, principalmente se considerarmos a junção da revolta de Heine voltada para o papel manipulador e dominador da Igreja com a influência, sobretudo nos anos 30, recebida da doutrina saint-simonista. O saint-simonismo pretende não somente revolucionar a estrutura sócio-econômica da humanidade em direção ao desenvolvimento do homem no sentido iluminista, como também se reveste de uma postura messiânica, apontando a si mesmo como a nova religião a ser seguida por essa nova sociedade que tem por objetivo primeiro o bem-estar social e a eliminação do sistema de privilégios e da rígida estratificação social, que consistiam em heranças medievais. As seguintes palavras de Heine são um exemplar dessa fusão de valores: crítica contra a Igreja e influência saint-simonista:

„Es handelt sich nicht mehr darum, die alte Kirche gewaltsam zu zerstören, sondern vielmehr darum, eine neue aufzubauen, und weit davon entfernt, das Priestertum vernichten zu wollen, wollen wir uns jetzt selbst zum Priester machen.“<sup>5</sup>

Convém observar que tal concepção arraigada de Heine da necessidade de extirpar a religião ( pelo menos a religião convencional) foi arrefecida no final de sua vida, na década de 50. Isso não significa que Heine tenha se tornado um religioso na acepção do termo, mas no prefácio escrito em 1852 para a segunda edição de Contribuição à história da religião e filosofia na Alemanha (vide biblio.), a mudança de perspectiva é enfatizada pelo autor:

“(...)confesso com franqueza que tudo o que neste livro se refere particularmente às questões religiosas é tão impensado quanto falso“(p.14).

Verifica-se que a recepção de Tobias está direcionada para o que há de mais revolucionário em Heine com relação à religião, pois para o poeta alemão aquela seria uma tolice, porém a tolice maior para Heine como se deixa entrever nos seus escritos não é a religião em si, mas sim a materialização da religião em sistemas, em instituições que impedem a emancipação do homem. Nesse sentido os dois escritores, Heine e Tobias Barreto, estão em uma forte relação de confluência, de interseção de pensamentos. Tal interseção se dá quando a religião é encarada como uma forma de manipulação de uma minoria com vistas ao anestesiamiento da consciência crítica de uma maioria, a qual precisa permanecer adormecida pelos „incensos celestiais“ (palavras do próprio Tobias) para que não enxergue o estado de degradação que lhe é imposto. A crítica da religião em Heine está intimamente associada à História da Alemanha e da Europa, quando os reis legitimavam seu poder por meio do respaldo da Igreja e principalmente na Alemanha, onde o ranço da aliança medieval Igreja/Soberano ainda estava presente, sendo nauseabundo para o autor. No Brasil tal relação não se apresentou tão marcada quanto na Europa, porém a Igreja oficial -a católica - teve uma tradição de indiferença quanto à miséria local, chegando no século dezenove brasileiro a um estado de verdadeira degradação, como nos expõe Hermes Lima (vide biblio.):

„A condição de oficial, a uniformidade religiosa do meio dispensavam à Igreja o dever de expandir-se, de ganhar confiança, de conquistar prosélitos, em suma, justificar sua existência por meio de obras sociais(...)“ (p.163).

E adiante no mesmo trecho:

„O relatório do Ministério do Império informava que em 1870 os franciscanos, carmelitas e beneditinos possuíam no Brasil terras, plantações de açúcar e café, cultivados por 2453 escravos „(p. 167).

Destarte, é natural que a crítica de Tobias Barreto se volte sobretudo para a Igreja Católica, pois esta é a religião dominante no Brasil do Segundo Reinado. Tal postura crítica traduz a conjuntura brasileira e o momento intelectual da segunda metade daquele século, mais especificamente a partir de 1870, interagindo com as teorias científicas importadas do Velho Mundo, como nos mostram as palavras de Hermes Lima no prefácio de „Um discurso em mangas de camisa“:

„Contesta-se a monarquia e funda-se o partido republicano, contesta-se a religião católica e a filosofia espiritualista porque ambas se opõem à filosofia do evolucionismo em suas diversas modalidades: positivismo, darwinismo, haeckelianismo“ (vide biblio.

A analogia entre o pensamento de Tobias e de Heine não parte de uma concepção extemporânea ao texto do polemista brasileiro, pode-se percebê-la no trecho adiante de Tobias contido no artigo „Política brasileira“ de 1870( In: Vários escritos , vide biblio.), quando se apresenta inevitável a evocação do pensamento de Heine quanto às promessas da Igreja de abundância no mundo celestial, desnortando a vontade popular da realidade presente, do aqui e agora, para uma transcendência almejada e certa, mas que requer o suportar dos sofrimentos dessa terra:

„Dir-se-ia que o povo segue esta frase do evangelho: “Meu reino não é deste mundo”, e confiando mais na morte que na vida espera vingar-se no céu de todo o mal que padeceu na terra...! É uma boa política. E por isso a voz dos espíritos livres não tem eco no seio popular.“(p.81, Vários Escritos).

O trecho comentado se transforma num eco do seguinte pensamento de Heine – a relação religião x política x povo - cristalizada nesse trecho eivado de ironia contido na obra Contribuição à história da religião e filosofia na Alemanha:

„Talvez, porque estejam seguros de seu poder e talvez porque, para infelicidade nossa, decidiram em segredo abusar eternamente dele, os grandes deste mundo estão convencidos da necessidade do cristianismo para seus povos e, no fundo, é um terno sentimento humanitário que os faz despende tanto esforço para a conservação dessa religião!“ (p. 24)

Se Heine foi um crítico arguto da sociedade alemã, da situação político-social desse país, pagando pelas suas críticas o preço da censura, Tobias Barreto não desmerece o mérito de crítico da realidade brasileira. Discordando ou não de suas opiniões, faz-se mister reconhecer a ousadia de seus escritos e o retrato caricaturado de uma pretensiosa intelectualidade, da sociedade das oligarquias, da ditadura do poder moderador. Se Tobias não é ovacionado, ele incomoda e muito os estandartes da sociedade, criticando até mesmo intocáveis como Joaquim Nabuco, José de Alencar, Visconde de Taunay. Se Heine foi atingido com a censura oficial em 1835, Tobias sofreu outro tipo de censura: o alijamento social, morrendo na miséria, pois quem

era aquele mulato que ousava levantar a voz para os filhos da corte e da oligarquia? Tobias não somente escrevia polêmicas, como também ele próprio era polêmica. Podemos resumir os escritos de Tobias em um substantivo: indignação. O trecho supracitado de Tobias, abordando a problemática religiosa no Brasil, é seguido de uma reflexão acerca da ausência de consciência crítica na sociedade brasileira, sobre a inexistência de uma massa que cobre dos seus governantes, herança de uma sociedade fundada nos pilares do analfabetismo, restando um vácuo a ser preenchido pela religião e pela voz de alguns intelectuais como Tobias:

„O que ainda chamamos verbo da opinião é uma coisa apenas aparente, ou melhor, quando usamos tal expressão, não fazemos mais do que pagar tributo ao palavreado da época, visto que estamos convencidos do pouco senso que essa frase tem“ (p. 81, grifo meu).

Tobias sabe que o primeiro passo para o esclarecimento (no sentido kantiano da saída da Unmündigkeit) da população e para formação de uma massa crítica consiste na resolução de um problema básico: a fome. O estado físico de penúria é aliado do obscurantismo intelectual. Tobias Barreto se pergunta: como formar uma massa de eleitores conscientes, se estes não têm o que comer? A incompatibilidade da formação de uma massa crítica com a existência da fome que grassa no povo e a falta de interesse político na resolução desse problema primário constituem um dos *topoi* trabalhados por Heine, vide o seguinte trecho do poema Die Wanderratten, pertencente ao espólio de Heine e que somente veio à luz em 1869:

„Im hungrigen Magen Eigang finden / Nur Suppenlogik mit Knödelgründen, / Nur Argumente von Rinderbraten, / Begleitet mit Göttinger Wurstzitate. ( Heinrich Heine als politischer Dichter, p. 232, vide biblio.)

Nesse sentido Tobias questiona a famosa expressão “soberania popular”, a qual no Brasil se traduz num engodo, numa falsa democracia:

„É preciso que nos convençamos: a magna questão dos tempos atuais não é política, nem religiosa, é toda social e econômica (...) Que importa ao homem do povo que lhe dêem o direito de votar em quem quiser, se ele não tem direito de comer o que quiser?(...) Assim, o que convém mais que tudo, é dar ao povo os meios de passar melhor e não enchê-lo de contínuo incenso, chamando soberano a esse pobre João sem Terra, como justamente o qualificou Proudhon.“ ( p.126, Vários escritos, vide biblio.).

Heine também questiona a hipocrisia do título de “soberania” que é concedido ao povo. A soberania do povo não passa de uma construção conceitual dos seus dominadores que concedem à massa a falsa impressão de um poder que, na realidade, esta não tem chance de exercer, recaindo na questão da manipulação da consciência crítica do povo pelos poderosos. Tal trecho do texto intitulado Geständnisse, escrito em 1854, é esclarecedor nesse sentido:

„O das Volk, dieser arme König in Lumpen, hat Schmeichler gefunden, die viel schamloser als die Höflinge von Byzanz und Versailles ihm ihren Weihrauchkessel den Kopf schlugen. Diese Hoflakaien des Volkes rühmen beständig seine Vortrefflichkeiten und Tugenden und rufen begeistert: “Wie schön ist das Volk! wie gut ist das Volk! wie intelligent ist das Volk!”-

Nein, ihr lügt. Das arme Volk ist nicht schön; im Gegenteil, es ist sehr hässlich.“(p.113)

A utilização imagética do incenso presente em Heine (Weihrauchkessel) e em Tobias remete à divinização (falsa) do povo pelos poderosos e ao mesmo tempo à manipulação deste pela Igreja. Seria a utilização do mesmo campo semântico apenas uma coincidência? Em Tobias, assim como em Heine, a crítica à Igreja faz com que essa instituição apareça intimamente ligada à política. Igreja e política aparecem como faces da mesma moeda, como demonstra o seguinte trecho do autor brasileiro:

„A Igreja de que somos fiéis é irmã do Estado de que somos súditos, só com uma diferença: a Igreja nos garante bem-aventurança por menos dinheiro que o Estado nos garante a justiça“ ( Vários escritos, p. 290).

Questionando a omissão da Igreja em relação à miséria da população, Tobias Barreto encontra nas palavras de Heine um eco de sua indignação, sendo possível a intertextualidade no seguinte trecho:

„O amor cristão tornou-se uma frase hipócrita e o entusiasmo maçônico uma bravata ridícula. A Igreja, que se diz órgão do primeiro, prega o jejum e banqueteia-se, aconselha água e bebe vinho,(...) A fraternidade é simples conceito religioso. In: Discurso em mangas de camisa, p.54, grifo meu).

Comparando-se o trecho grifado com os seguintes versos de Heine da epopéia „Deutschland – ein Wintermärchen“, torna-se sugestiva a intertextualidade:

„Ich kenne die Weise, ich kenne den Text / Ich kenne auch die Herren Verfasser / Ich weiss, sie tranken heimlich Wein / und predigten öffentlich Wasser.“<sup>6</sup>

Menciona-se claramente em ambas as partes grifadas a convivência do poder religioso com a política da miséria, do conformismo, e a hipocrisia de que a Igreja faz uso. A polêmica de Tobias com a Igreja Católica se apresenta também como um reflexo da tensão na segunda metade do século XIX entre Ciência e Igreja no Brasil, tensão essa bem representada pelo artigo de Tobias de 1883 intitulado: „Os theologos da civilização“, o qual constitui uma réplica às críticas feitas pelo padre J. Albuquerque de Fonseca contra Tobias no jornal Civilização:

„O que os filósofos chamam a crise religiosa da atualidade, é a crise econômica dos padres. Alguma coisa de quase idêntico no mundo industrial. Quanto almocreve, que viu-se privado dos meios de trabalhar e viver, pela invasão das vias-férreas, não estendeu os punhos cerrados de cólera, para amaldiçoar o diabão do vapor, que lhe passava na porta? É o mesmo que sucede com os almocreves do céu. Esconjuram o diabão da ciência que vem roubar-lhes os cômodos da vida.“( p.140, Polêmicas, vide biblio.).

A recepção da obra de Heine nos escritos de Tobias revela no âmbito ainda da temática da religião o conhecimento do teor do seguinte Leitmotiv do poeta alemão: a manipulação pela Igreja oficial dos ritos estranhos à sua doutrina, que levou a caracterizar de demoníaco o politeísmo greco-latino(desembocando na Inquisição medieval). Apesar de tal constatação não ser exclusiva do pensamento de Heine e na realidade constituir um assunto desenvolvido pela Teologia, podemos dizer Leitmotiv, pois tal

temática está presente em algumas de suas poesias (e.g.: „Die Götter in Griechenland“), perpassando sua obra em prosa, chegando o autor a lhe dedicar uma narrativa em 1854: Die Götter in Exil<sup>7</sup>. Tobias insere por duas vezes tal Leitmotiv de Heine em textos que discutem a religião. Percebe-se que a intenção do autor é de evocar uma voz que valide o seu discurso. Heine é considerado um autor que serve de referência, não somente no âmbito literário, mas também no científico, com relação à história do cristianismo. Ele é lido como um historiador do cristianismo. Tal utilização desse Leitmotiv de Heine é evidenciado no artigo de Tobias „A irreligião do futuro“, contido no volume Questões vigentes (vide bibli.). Neste artigo Tobias refuta o livro de Guyau: L’irreligion de l’avenir. Em dado momento do artigo, ao discutir a coexistência da crença e descrença na Roma Antiga, é por meio das palavras de Heine que Tobias exemplifica o entrelaçamento entre sagrado e profano:

„(...) nem a descrença nem a superstição mataram os velhos deuses. Um Guyau daquele tempo teria dito: - a religião está morta; é a filosofia, são os sistemas metafísicos que devem ocupar o seu lugar (...). Porém assim não sucedeu. As divindades continuaram à banquetear-se no Olympo, mas eis que de repente, como diz Heinrich Heine, apareceu cansado e anelante um judeu pálido e ensangüentado, com uma coroa de espinhos na cabeça e uma cruz de pau sobre os ombros e atirou a cruz em cima do banquete, as taças de ouro tremeram, os deuses emudeceram e descoraram e cada vez se tornaram mais pálidos, até que enfim desapareceram pela névoa „(p.311).

Essa mesma temática aparece no artigo de Tobias: „Pré-história da literatura clássica alemã“, no qual para tratar da literatura alemã ele lança mão da exposição de todo um contexto histórico para o entendimento da mentalidade dos alemães. Neste artigo Tobias introduz com suas próprias palavras tal temática teológica, analisando a interação do cristianismo com as práticas religiosas anteriores ao surgimento dessa doutrina:

„Como porém o cristianismo, que quebrou as suas imagens e abateu os seus santos carvalhos, não pôde matar os deuses mesmos, deliberou degradá-los, fazendo deles demônios, e espíritos malignos“ (p.83).

Mais adiante, no mesmo artigo, Tobias se vale da evocação das considerações de Heine:

„O Olympo que, na frase de Henrique Heine, tinha-se tornado um lazareto, desde que Cristo, pálido e sanguinolento, lançara a sua cruz sobre a mesa dos deuses, fazendo tremer as taças de ouro, em que eles se embriagavam de ambrosia e néctar, O Olympo começava a povoar-se novamente de divindades sãs e expansivas“ (p.88, vide bibli.).

Nesse segundo artigo, percebe-se claramente a intenção de Tobias em utilizar Heine como uma fonte (relativamente conhecida) que venha validar o seu discurso e sedimentar sua digressão sobre a construção da mentalidade alemã desde a interação das tribos germânicas com o povo romano.

Os textos de Tobias denotam um grande interesse do autor pela teologia judaica, revelando-se radicalmente contra o anti-semitismo. Com relação especificamente a Heine, nota-se que Tobias tem consciência de que Heine é marcado pelo estigma de ser um autor judeu, mostrando-se Tobias

sabedor da influência do fator judaico na recepção da obra desse autor, como demonstra o seguinte trecho de 1880 dirigido ao Visconde de Taunay, após ter sido feita a associação entre o compositor Meyebear e Heine. Ambos estão inseridos num mesmo contexto histórico de judeus alemães que criticam a Alemanha e se estabelecem na França:

„Aproveito aqui a ocasião para advertir ao crítico fluminense que não tenho de judeu senão o nome (...), uma verdade incontestável, é a que foi expressa por Disraeli, considerando os judeus uma raça superior, em face dos povos da Europa.(...)Fique assentado que referindo-me à atitude hostil para com a Alemanha da parte dos Börnes e Heines, não quero dar ganho de causa a prejuízos de raça e muito menos a prejuízos religiosos. Não sou daqueles que ainda hoje, para caracterizar o grau supremo do interesse sórdido, não acham melhor notação que o epíteto de judeu. Como se o embuste, a patranha, a traficância não fossem qualidades batizadas, essencialmente cristãs e, sobretudo, católicas!... Em tais condições, eu não hesitaria, na luta ultimamente travada em Berlim a propósito de um artigo do professor Treischke, se estivesse no caso de dar um voto, em pôr-me do lado do rabino Graetz contra o célebre publicista dos Anais Prussianos.“ (Polêmicas, p. 83).

Convém ressaltar que o nome de Treischke está associado à negativa recepção da obra de Heine no período após a guerra franco-prussiana, quando se infla o sentimento nacionalista e a francofobia e a recepção de Heine na Alemanha é estigmatizada pelos epítetos de judeu e afrancesado. No seu livro Deutsche Geschichte im 19. Jahrhundert, ao tratar de Heine, Heinrich von Treischke se utiliza dos adjetivos: witzig ohne Überzeugung, e vaterlandsloser Deutschjude.<sup>8</sup> Treischke foi um dos que fizeram uma larga campanha contra a obra de Heine. Por vezes, ao associar o nome de Heine ao judaísmo, Tobias o faz no intuito de invalidar os preceitos do anti-semitismo em face da constatação do talento de um autor judeu. Tal perspectiva se torna patente no trecho do artigo: „Uma excursão de diletante pelo domínio da ciência bíblica“, escrito entre 1871 e 1873, no qual é discutida a trajetória da história judaica com digressões sobre o anti-semitismo:

„É tempo de acabar com as ilusões de uma pretendida incapacidade semítica em relação aos altos domínios da inteligência.“

Para corroborar sua opinião, Tobias evoca Heine como exemplo de um judeu que constitui um expoente na literatura alemã:

„Não precisa recordar que entre os grandes provocadores do movimento espiritual na Alemanha, depois da Revolução de Julho, contam-se dois semitas, Heine e Börne.“ (p. 74, Filosofia e Crítica).

#### IV – VISÕES POLITIZADAS

Conforme o leitor vai se familiarizando com a obra de Tobias Barreto, vai se acentuando a imagem de um intelectual com caráter revolucionário para seu tempo: defensor da emancipação feminina, avesso à ditadura do poder moderador, denunciador dos falsos intelectuais que conseguem se

estabelecer por meio de politicagem ou pela simples confiança na ignorância de uma maioria, questionador arguto da omissão da Igreja na construção de uma sociedade mais digna, além de reivindicador desde aquele tempo de uma revisão no código penal brasileiro. Seus escritos estão marcados por um interesse constante na extinção do sistema de privilégios e na dissipação da miséria econômica e intelectual da grande massa do Segundo Reinado, se mostrando bastante severo em seus julgamentos, tangenciando às vezes o pessimismo:

„Não há domínio algum da atividade intelectual em que o espírito brasileiro se mostre tão acanhado, tão frívolo e infecundo como no domínio filosófico“ (p. 236, Questões Vigentes).

Diante das agitações políticas de seu tempo que se acirraram a partir da década de 70, se mostra sugestivo aventar a possibilidade da simpatia de Tobias pelo movimento republicano da época, principalmente em face de sua constante oposição ao imperador<sup>9</sup> e até mesmo atribuir-lhe um caráter revolucionário no sentido da emancipação de idéias promovida pela Revolução Francesa. No entanto, conforme há um aprofundamento na leitura desse autor, revela-se patente uma questão paradoxal: Tobias não era entusiasta das duas grandes temáticas que dominaram o panorama político da segunda metade do século dezenove brasileiro: o movimento republicano e o abolicionismo. Tobias não é afeito ao republicanismo, muito menos partidário dos ideais da Revolução Francesa. E embora Tobias tenha dado passos importantes no tocante à discussão dos temas de seu tempo, surpreendentemente não há em sua obra nenhuma expressão de indignação com relação à escravidão no Brasil, sua voz é omissa, não se declara como escravocrata, porém não há nenhum engajamento favorável de sua parte com relação ao tema referido<sup>10</sup>. Tobias não se restringiu ao mundo das idéias, teve inclusive uma participação rápida na política, tendo sido membro da Assembléia Provincial de Pernambuco, à qual se candidatou em 1878 pelo Partido Liberal, tendo sido eleito. Convém ressaltar que o pretenso “Partido Liberal” da época consistia numa política de liberalismo econômico visando à quebra da hegemonia do Partido Conservador, no entanto em termos sociais não se aplicava em seu programa o conceito de “liberalismo”. Tobias aspirava a uma revolução do pensamento e da política brasileira, porém esta era uma revolução no âmbito intelectual, quanto à revolução feita pelo povo, a revolução que tinha como preço o sangue, Tobias lhe tinha horror:

„A revolução é um meio anormal, anômalo, bárbaro de fazer valer os direitos (...) desconfiemos de uma soberania que para se acentuar obriga o povo a recuar séculos, a tornar-se bárbaro, cruel, besta, derramando sangue, fazendo ressuscitar o elemento atávico“ ( Estudos de Direito, V.II, p. 76 ).

Encontra-se em Tobias o mesmo paradoxo de Heine: o intelectual que reivindica o esclarecimento da massa, do povo, que deseja uma revolução política, mas que é avesso à tomada do poder por esse mesmo povo, o intelectual sabe que tem a missão de promover sua emancipação, sua saída do estado de ignorância, mas não lhe cabe promover sua subida ao poder, é o que se depreende do seguinte trecho de Heine:

„Fortgerissen von der Strömung grossmütiger Gesinnung, mögen wir immerhin die Interessen der Kunst und Wissenschaft, ja alle unsre

Partikularinteresse des leideden und unterdrückten Volkes aufopfern(...) Ganz besonders empfindet der Dichter ein unheimliches Grauen vor dem Regierungsantritt dieses täppischen Souveräns.“ (apud Geständnisse, p. 113).

Embora admirasse Marx, tendo travado conhecimento em 1843 com o teórico do comunismo, Heine não concordava com o preceito marxista da ditadura do proletariado. Ao contrário de Tobias, a Revolução para Heine é almejada, principalmente na Alemanha, mas quem deve liderá-la é o gênio, ao intelectual está reservado o topo, coadunando-se tal idéia com o conceito de liderança da sociedade no saint-simonismo. Até o final dos anos 40, além do receio do poeta com relação à tomada do poder pelo povo, Heine também se opunha à possibilidade de tomada do poder pelo comunismo e o estabelecimento do mote francês da Igualdade. Explica-se tal oposição devido à preponderância, nessa época, de razões estéticas sobre tais alternativas políticas: o estabelecimento da igualdade, um dos principais pressupostos do partido comunista em efervescência nesse período era visto com temor por Heine. Heine via na concretização da utopia da igualdade o caminho para a supressão das liberdades individuais, principalmente artística, pois a arte em sua essência não prescinde do elemento iconoclasta, o seu elemento de atração está justamente na diferença. Tal conceito se apresenta bem desenvolvido por Walter Grab (vide biblio.):

„Heine hob öfters hervor, dass ein himmelweiter Unterschied zwischen dem Postulat bestand, alle Menschen hätten das Recht zum Wohlergehen, und dem Glauben an die gleichen Fähigkeiten der Menschen“ (p. 77).

É em nome da estética que Heine tece uma crítica ao comunismo em 1854:

„(...) mich beklemmt vielmehr die geheime Angst des Künstlers und des Gelehrten, die wir unsre ganze moderne Zivilisation, die mühselige Errungenschaft so vieler Jahrhunderte, die Frucht der edelsten Arbeiten unser Vorgänger durch den Sieg des Kommunismus bedroht sehen“ (Geständnisse, p.113).

No entanto, em 1855, no prefácio da edição de Lutetia, o qual vale como seu último testemunho político, Heine pretere a preocupação estética em prol da necessidade de mudança, mostrando-se favorável ao advento do comunismo:

„Aus Hass gegen die Nationalisten könnte ich schier die Kommunisten lieben. Wenigstens sind sie keine Heuchler, die immer die Religion und das Christentum im Munde führen (...)“ ( Heinrich Heine als politischer Dichter, p. 238).

Para Tobias o mote francês da Igualdade carrega a ameaça da supressão das liberdades individuais, porém não somente a Igualdade é alvo de críticas da parte de Tobias, como também a trindade na qual se apoia a Revolução Francesa. Tanto o entusiasmo pela República quanto a adoção do lema francês constituem irritantes galicismos, que se mostraram envolvidos em uma aura salvadora enquanto utopia. Mas enquanto realidade, enquanto efetivação, tais idéias não cumprem com seu objetivo primeiro. Tais conceitos são amplamente discutidos no apêndice no texto „Discurso em mangas de camisa“ (vide biblio.):

„A liberdade, este néctar espumoso dos sonhadores políticos, que aliás agrada mais pelo cheiro, do que pelo sabor – a República, esse fruto do paraíso, mais precioso por fora, do que por dentro, que tem casca de ouro e miolo de prata(...) - o povo soberano, os direitos do homem, a revolução e todas as mais tolices sacramentais da retórica tribunícia, já perderam aos meus olhos, como frases natas para arranjar uma figura e arredondar um período, o seu antigo e celebrado encanto.“ ( p. 40).

No livro Polêmicas, no artigo intitulado „Alguma coisa também a propósito de Meyerbeer“, Tobias analisa a conjuntura do sucesso da ópera Roberto do judeu alemão Meyerbeer na França, apontando como motivo a fase literária da época marcada pela migração de Ludwig Börne e Heinrich Heine para Paris – quando há um clima de constante louvor à França. Nesse trecho (p.81) é demonstrado que Tobias tem consciência do caráter fortemente político da literatura produzida por Heine: a ânsia pela revolução espelhada no acontecimento da emigração da Alemanha, a crítica da Alemanha nessa literatura e o elogio da França como uma terra que personifica as esperanças revolucionárias do autor. Tobias alinha Heine ao lado de Börne como representantes de um mesmo movimento literário. Por ser um severo crítico da “trindade utópica” francesa e da absorção desses ideais, percebe-se o toque de ironia e até mesmo um pouco de irritação de Tobias Barreto ao visionar o elogio da França por Heine e Börne :

„(...) em virtude da Revolução de Julho entenderam ambos que rebentara carregada de frutos de ouro a árvore da liberdade (...). Contudo importa deixar acentuado que a flor do entusiasmo pelo israelita Meyerbeer era fácil de expandir-se numa terra e numa quadra em que os seus dois célebres compatriotas, como ele, estigmatizados, crendo ouvir como ele, a cada passo o grito do hep-hep, que então ainda soava atrás da raça inteira, turificavam a França em detrimento da Alemanha.“ (p. 81).

Apesar da crítica velada nesse trecho, natural para quem considera a Alemanha e não a França uma fonte de cultura, Tobias Barreto apresenta uma extraordinária percepção da relação paradoxal de Heine e de Ludwig Börne com o seu país: embora a Alemanha seja o alvo de severas críticas por parte dos dois autores, a crítica foi o meio eficaz encontrado por estes para o exercício de seu patriotismo. É comentando Heine que Tobias apresenta ao leitor um exemplo que comprove tal relação paradoxal. Tobias faz alusão à polêmica franco-germânica surgida em 1840 entre o nacionalista alemão Nikolaus Becker e o poeta francês Alfred de Musset. Nikolaus Becker compõe a poesia „Der deutsche Rhein“, cujo conteúdo é evocado de francofobia:

„Sie sollen ihn nicht haben,/ Den freien deutschen Rhein,/ Ob sie wie gier'ge Raben/ Sich heiser danach schre'n. So lang die Flossen hebet/ Ein Fisch auf seinem Grund,/ So lang ein Lied noch lebet/ In seiner Sängers Mund.“

Respondendo poeticamente a Becker, Alfred de Musset reivindica o símbolo da Alemanha, o rio Reno, para a França. Heine ironiza tal polêmica no capítulo V do poema: „Deutschland - Ein Wintermärchen“. <sup>11</sup> É nesse contexto que Tobias tece o seguinte comentário:

„Entretanto é para notar que esses dois espíritos ( Heine e Börne), em aparência tão inimigos do seu país, eram no fundo sinceros patriotas. Heine mesmo, que rara vez perdia ocasião de zombar da Alemanha, quando em 1841 Alfred de Musset publicou a sua resposta aos versos de Niklas Beckler, sentia-se ferido e escreveu a chistosa réplica: *Der Alfred de Musset, der Gassenbub’/ Der kommt an ihrer Spitze/ Vielleicht als tambour, und trommelt mir vor/ All’ seine schnöden Witze*. Admirável exemplo de como, em relação à pátria, nem sempre as palavras ásperas, contra ela proferidas, são prova de falta de amor.“( Polêmicas, p. 82).

A réplica poética de Heine foi interpretada com um pouco de exagero por parte de Tobias, pois nesse trecho a intenção do poeta alemão não era somente criticar Alfred de Musset em prol da Alemanha, porém ironizar a situação como um todo. Apesar do exemplo, o que é relevante nesse trecho é a percepção por parte de Tobias da dicotomia crítica do país /patriotismo, a qual também não era estranha ao próprio autor sergipano. É constante em seus escritos uma preocupação em analisar o Brasil em todas as suas facetas: política, econômica e cultural, preterindo o nacionalismo inútil à crítica de seu país, mesmo que severa, mas funcional. Embora Tobias ironize seu patriotismo:

„Que filho ingrato sou eu para com a pátria !... Porém não é culpa minha; é um defeito da natureza, que negou-me o estro do patriotismo“<sup>12</sup>(Polêmicas, p.84).

É em trechos, como o transcrito a seguir, que o autor deixa entrever o seu objeto constante de preocupação - o Brasil:

„Um dos fatos que mais acusam a dormência do espírito brasileiro é por certo esta renúncia geral do direito de pedir a várias reputações feitas os títulos em que se fundam“<sup>13</sup>.

A dormência, o estado de inércia também fora combatido por Heine, vide o título que o poeta deu ao poema „Deutschland - Ein Wintermärchen“, no qual o termo Winter (inverno) alude ao espírito político da Alemanha naquele momento.

## V – CONCLUSÃO

Conhecer e apreciar Heine significa se familiarizar com o estilo do autor que está intimamente ligado à ironia, tal estilo lhe valeu a censura e vários problemas de recepção na Alemanha. No campo da ironia, Tobias Barreto também não economiza esforços para dela fazer uso, rendendo-lhe polêmicas como as expostas no livro de mesmo nome (vide biblio.). Podemos perceber a correlação dos discursos impregnados de verve irônica de ambos os autores, quando Tobias utilizando as frases de Heine quase como aforismos, transforma o escritor em estandarte da sua opinião nos seus escritos. Tobias tem consciência do caráter polêmico do autor alemão, como pode ser depreendido do seguinte trecho, no qual o autor sergipano se refere a Börne e Heine respectivamente:

„(..) é lícito afirmar que esses dois terríveis judeus, um sério e grave, como a Bíblia, de uma certa grosseria divina, que caracteriza os profetas, os

possessos da verdade, o outro cético e escarninho, como o próprio demônio da lenda judaico- cristã (...)“ (grifo meu, p. 82. Polêmicas).

O escritor sergipano utiliza a técnica de inserção de trechos do autor alemão com o intuito de legitimar o seu próprio discurso. A recepção de Heine em Tobias Barreto é a recepção de um autor judeu-alemão, crítico mordaz da Religião -“o ópio do povo” -, exercendo seu patriotismo por meio da crítica constante da situação política de seu país, constituindo-se em marco de uma renovação literária na Alemanha ao lado de Ludwig Börne e representante de um espírito liberal que anseia pela liberdade inscrita no lema francês. Tobias encara Heine como um autor que ao ser lido se transforma para o leitor em uma ferramenta para a compreensão da Alemanha. Para Tobias, Heine é uma autoridade intelectual, como demonstra o seguinte trecho, pois, Tobias mesmo não tendo a poesia popular em alta estima, claramente demonstra ser superior seu apreço pela obra de Heine:

„Só compreendo o valor da poesia popular, como matéria assimilável às formas e conceitos da poesia culta, por intermédio de espíritos superiores. Foi o que fez Goethe, cuja musa lírica, em muitos dos seus mais brilhantes produtos, é uma ressonância do Lied popular alemão: foi o que fez Heine, que por vezes recorreu também a essa fonte.“<sup>14</sup>

## VI- BIBLIOGRAFIA

1. BARRETO, Tobias. *A questão do poder moderador e outros ensaios brasileiros*; seleção e coordenação de Hildon Rocha, introdução de Evaristo de Moraes Filho, Petrópolis: Vozes; Brasília, INL, 1977
2. \_\_\_\_\_ .A vida religiosa no Brasil. In : ROCHA, Hildon. (Org.). *A questão do poder moderador*. Petrópolis: Vozes; Brasília, INL, 1973.
3. \_\_\_\_\_ . *Discurso em mangas de camisa*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1970.
4. \_\_\_\_\_ .Estudos alemães.In: BARRETO, Tobias.*Obras Completas*. Rio de Janeiro: Ed. Paulo, Pongetti & C., 1926. V.VIII.
5. \_\_\_\_\_ .Estudos de direito. In: BARRETO,Tobias.*Obras Completas*. Rio de Janeiro: Ed. Paulo, Pongetti & C., 1926. V. I.
6. \_\_\_\_\_ . Philosophia e crítica. In: BARRETO, Tobias. *Obras Completas*. Rio de Janeiro:Ed. Paulo, Pongetti & C., 1926. V.III.
7. \_\_\_\_\_ . Polêmicas. In: BARRETO, Tobias .*Obras Completas* .Rio de Janeiro: Ed. Paulo, Pongetti & C., 1926. V.II.

8. \_\_\_\_\_. Questões vigentes. In: BARRETO, Tobias. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Ed. Paulo, Pongetti & C., 1926. V. IX.
9. \_\_\_\_\_. Vários escritos. In: BARRETO, Tobias. *Obras Completas*. Rio de Janeiro; Ed. Paulo, Pongetti & C., 1926. V. X.
10. CÔRTEZ, Paulo Campos. *Tobias Barreto: antologia de idéias, uma revelação /s.l. /: Radial artes gráficas, 1974.*
11. \_\_\_\_\_. *A concepção filosófica de Tobias Barreto*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1980.
12. DANTAS, Paulo. *Tobias Barreto*. São Paulo: Melhoramentos, 1952.
13. GRAB, Walter. *Heinrich Heine als politischer Dichter*. Frankfurt: Büchergilde Gutenberg, 1992.
14. HEINE, Heinrich. *Contribuição à história da religião e filosofia na Alemanha*. Tradução e notas de Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1991.
15. HEINE. *Sämtliche Werke*. München: Kindler Verlag, 1964. Band XIII.
16. \_\_\_\_\_. *Werke in vier Bände*. Basel, Stuttgart: Bierhäuserverlag, 1956 Band II.
17. HERMAND, Jost. *Heinrich Heine: Mehr als ein Liberaler*. 2. Auflage. Frankfurt a.M., Peter Lang Verlag, 1993.
18. LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro*, 3a ed. São Paulo: Pioneira, 1976.
19. LIMA, Hermes. *Tobias Barreto: a época e o homem*. 2a ed. São Paulo: Companhia Ed. Nacional, 1957.

---

<sup>1</sup>- Além de Tobias, constam dentre os principais representantes dessa escola os nomes de Sílvio Romero, Clóvis Beviláqua, Artur Orlando, Fausto Cardoso, Tito Lívio de Castro e Graça Aranha.

<sup>2</sup>- Aqui estão enumeradas as obras publicadas pelo próprio Tobias até 1889, segundo o compêndio A questão do poder moderador (vide biblio.) p.19: Filosofia e Crítica, a primeira edição em 1875 e a segunda em 1889; Discurso em mangas de camisa, em 1879; Dias e Noites, em 1881; Estudos Alemães, em 1883; Menores e Loucos, a primeira edição em 1884 e a segunda em 1886; Discursos em 1887 e Questões vigentes em 1888.

<sup>3</sup> Sílvio Romero notifica, na sua introdução à edição dos Estudos alemães, estudiosos anteriores a Tobias que tiveram da mesma forma um grande interesse pela cultura alemã: Manda, porém, a verdade histórica consignarmos aqui ter sido o preclaro escritor sergipano antecedido limitadamente em sua propaganda por dois brasileiros, desde muitos anos entusiastas das letras alemães, que em artigos, já em português, já em língua germânica, chamavam a atenção do público para a ciência da grande nação. Foram eles: Ernesto

---

Ferreira França, que foi professor da Faculdade de São Paulo e Manoel Thomaz Alves Nogueira, que foi lente do colégio Pedro II, ambos educados na Alemanha.

4 -Todas as citações dos escritos de Tobias Barreto foram modificadas segundo as normas da ortografia vigente.

5 - Trecho contido no artigo Juliemonarchie und Saint-Simonismus, pertencente ao livro Heinrich Heine als politischer Dichter, p. 65.

6 -Trecho contido na edição de poesia de Heine: Werke in vier Bände, volume 2, p. 97.

7 - (...) o clero cristão não rejeitava, como vãs quimeras, os antigos deuses nacionais que encontrou, mas admitia-lhe uma existência real, afirmando porém que todos esses deuses não passavam de diabos e diabas(...). Todo o Olimpo se tornou um inferno etéreo, e por mais forçosamente que o poeta da Idade Média cantasse os mitos gregos, o cristão pio via neles apenas assombrações e demônios. Tais palavras de Heine estão contidas no livro Contribuição à história da religião e filosofia na Alemanha, p. 26 ( vide biblio).

8 - As informações arroladas nesse trecho sobre Treischke foram colhidas no livro: Heinrich Heine: mehr als Liberaler, p. 193 (vide biblio.).

9- O Sr. Pedro II tem contra si o grande defeito de tomar ao sério o seu manto, o seu cetro, a sua coroa. Daí todos os males; porque a soberania sendo indivisível, desde que a do povo se torna um fato, penetrando na consciência pública, a realeza não é mais soberana. Conserva o nome, mas em rigor existe subordinada ( p. 71, Política brasileira. In: Vários escritos).

10- Comentando a lei de 28 de Setembro promulgada pelo Visconde de Rio Branco e questionando o ufanismo diante de tal promulgação, deixa-se entrever que a crítica feita à monarquia se sobrepõe em importância à discussão sobre a escravidão em si: Eu não sou nenhum negrófago, é bom notar, mas também não sou nenhum fantasta, que tenha por ventura reforçado as idéias abolicionistas na Cabana do pai Thomaz, ou outro livro qualquer do gênero, onde o escravo é posto em tal altura de generosidade e grandeza de ânimo, que o arcanjo Gabriel poderia respeitoso curvar-se diante dele. Eu desejo a abolição de todas as instituições caducas, que são outras tantas afrontas à dignidade do homem (...). Neste caso está sem dúvida a escravidão. Porém entendamo-nos: neste caso também a monarquia (...) (p. 204, Vários Escritos).

11 - As informações sobre essa contenda franco-germânica foram colhidas no livro de Walter Grab- Heinrich Heine als politischer Dichter, p. 102.

12- Tal comentário foi proferido quando o autor expressou sua preferência pela ópera Huguenotes de Meyerbeer em detrimento do Guarany de Carlos Gomes.

13 - Trecho contido no volume A Questão do poder moderador e outros ensaios brasileiros p. 83. Tal trecho pertence ao ensaio A questão do poder moderador , o qual pertence originalmente ao volume de Tobias Estudos de Direito.

14- Excerto contido no prefácio de Sílvio Romero para o compêndio Estudos de Direito, v. I.